

REVISTA
DO
INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO DO BRAZIL
FUNDADO NO RIO DE JANEIRO
DEBAIXO DA IMMEDIATA PROTECCAO DE S. M. I.

O SENHOR D. PEDRO II

Hoc facit ut longos durent bene gesta por annos,
Et possint sera posteritate frui.

TOMO XIX

(TOMO VI DA TERCEIRA SERIE)



RIO DE JANEIRO
IMPRENSA NACIONAL

1898

1081-95

MEMORIA

Lida ante a augusta presença de S. M. I. pelo socio efectivo o senhor doutor

FRANCISCO FREIRE ALLEMÃO.

Quaes são as principaes plantas que hoje se acham
aclimatadas no Brazil?

Tal é, senhores, o ponto, que em Dezenbro de 1852 me foi cometido por este instituto, para lhe dar desenvolvimento. Honra, que esta sábia corporação se dignou fazer-me sem querer olhar para o pouco de minhas forças. Se pois, apesar de boa diligencia, e melhor vontada de minha parte, o desempenho não corresponder às suas vistas, conto sempre achal-a facil em desculpar-me.

Antes de tudo seja-me licito ponderar, que a questão, do modo por que está posta, parecendo á primeira vista mui simples, e clara, não é todavia precisa em seus termos, como o revéia a mais pequena reflexão. Não é isto censura que lhe faço; mas uma mera advertencia no intuito de estabelecer as condições do seu desenvolvimento. Poin' n'isso acho antes motivo de agradecimento; porque fico mais á minha vontade, para estender-me ou contrahir-me como couber em meus meios, ou a matéria o exigir, sem incorrer na acusação de exorbitar do meu ponto, ou de o não abranger. Tanto assim que se mo quizesse cingir ao pé da letra, minha tarefa tornar-se-hia mui commoda, cifrava-se em dizer: tal planta é exótica, tal outra não. Mas de certo não foi essa a mente de quem formulou a questão, nem a do Instituto encarregando-me de a desenvolver. Não é bastante dizer-se: esta planta vem do estrangeiro; é necessario provar a afirmativa, o que accarreta de necessidade a historia da sua introdução; e d'esta se é levado

naturalmente até a sua origem ou ponto de partida. Assim foi que entendi dever proceder, sem medir as dificuldades com que ia lutar: pois na Europa ainda hoje se discute, e se inquire da origem de algumas plantas ahi cultivadas, sem se ter chegado a uma solução plausivel.

Salto aos olhos menos attentos a razão por que a historia da migração das plantas é muitas vezes obscura, e até ignorada. Grande numero d'ellas, cultivadas pelos povos primitivos, os acompanhavam em suas emigrações ou correrias, e assim se derramavam, sem deixar memoria das circunstancias de suas peregrinações. Outras, que transmigram de moto proprio, ou são levadas por motores naturaes, uma vez afastadas do seu berço, impossivel é reconhecer-las depois. Finalmente se ainda agora, em nossa presença, muitas plantas se propagam de industria, ou por casualidade, sem que conste d'oncde, e como vieram, o que se deve esperar do sucedido em remotas eras?

Não obstante, indagações d'esta ordem, ainda quando não conseguam ferir o alvo, não são destituidas de interesse.

Aqui se nos vem offerecer uma questão, concernente ao nosso assumpto, e da mais ardua solução. — A natureza produz individuos da mesma especie em pontos varios do globo; ou ao contrario, cada especie tem seu lugar de criação particular, d'oncde, por si, ou por agentes externos, se difunde, ou tenta difundir-se pela superficie da terra? — Em prova da sua ardusosidade lembrarei somento que um dos maiores sabios de nossos tempos, o sr. barão de Humboldt, que admite a criação vaga da mesma especie em diferentes paragens, discorrendo sobre o dragoeiro que observou nos lugares cultivados das Ilhas Canarias, Madeira, e Porto-Santo diz: « Este vegetal apresenta um phenomeno curioso quanto à migração das plantas. Ele só não tam achado silvestre no continente africano; e as Indias Orientaes são sua verdadeira patria. Por onde então esta arvore foi trazida a Tenerife? Sua existencia ali provaria que em uma época mui recente as Guinches tiveram relações com povos originarios da Asia! » (1) Mas concedida a criação vaga, ou multiplicita da mesma especie, o facto não tinha uma explicação bem

(1) Viagens das regiões equinociazes do novo continente.

obvia? Não tenho cabedal de sciença para dissertar n'esta matéria, e se o tivera, a occasião não era das mais proprias. Direi unicamente, porque isso se faz necessario, que me acommodo melhor com a idéi da criação singular de cada espécie, ainda que muitas vezes seja impossivel explicar, na actualidade das coisas, a existencia simultanea, de algumas plantas de identidade específica, em logares distantes, e separados por vastos mares, e altas cordilheiras. Direi mais que na opinião contraria perde todo o interesse, o atô parecerá oxiosa qualquer investigação sobre a transmigração das plantas.

Já vae longo este preambulo; vou concluir-o com as declarações seguintes:

Este trabalho, além de suas muitas imperfeições intrinsecas, ha de necessariamente ser achado incompleto, quando for lido (se tiver essa fortuna) em cada uma das outras provincias brasileiras de cujas plantas n'ellas introduzidas, e cultivadas, não pude ter pleno conhecimento.

Na successão das memorias, que tenho de ler, nem uma ordem ou sistema posso guardar, quanto à serie das plantas, que fizserem seu objecto. Seria para isso necessário ter feito o estudo de todas, antes de começar a redacção do seu complexo, o que retardaria ainda mais a sua apresentação. Irei portanto trazendo aquellas cujo estudo estiver completo, ainda que sem nexo entre si; e principiarei pela:

CANNA D'ASSUCAR (*Sacharum officinarum*).

A opinião mais corrente hoje é ser esta preciosa graminea oriunda do Imlostão, d'onde, desde a mais alta antiguidade se havia propagado pelas terras do oriente comprehendidas entre os 40 graus ao norte, e ao sul do equador. Para o occidente veiu mais vagarosa, e por tempos, e logares, que agora mal se podem assinalar.

Sabe-se que no quinto seculo da era christãa a cultivavam em alguns logares da Persia (2).

(2) *Hem.*

D'ahi, segundo alguns autores, os Arabes a trouxeram para Syria, no tempo das suas conquistas, correndo o século sétimo; outros porém sustentam que chegou ali vindo da India pelo caminho do mar Vermelho.

O certo é que nos últimos annos do século undecimo os peregrinos da primeira cruzada acharam-na plantada nas fertis veigas da Phenicia: e aos cruzados deve a Europa o conhecimento d'este vegetal (3).

E no ultimo quartel do século decimo segundo ja havia enjinhos de moer cannas na Sicilia, como o mostra a seguinte passagem de um diploma ou acta de doação que fez Guilherme II rei da Sicilia a um mosteiro de São Bento: « In Panormo (Palermo)..... concedimus ei (Monasterio) liberè, et absque dona-
tione aliqua molendinum unum ad molendas cannas mellis, quod
« sarracenicò dicatur masara. »

Emfim, ao fechar do século decimo quarto era conhecida esta planta em quasi todo o âmbito do mediterraneo, desde as praias da Asia até Tanger em Africa, e Granada na Europa.

Descoberta a ilha da Madeira, foi um dos primeiros cuidados do infante dom Henrique que ali se estabelecessem fábricas de assucar. D'issso temos um curioso documento inserto em um manuscrito da biblioteca publica d'esta corte, respectivo a ilha da Madeira. « Estando o Infante em Algezir no Reino do Algarve, » diz o autor do manuscrito, escrevendo ao capitão (João Gonçalves Zarco) recommendando-lhe muito as justiças, e as lavouras..... E dessa carta do infante transcrevem alguns parágraphos, um dos quaes é este: « Enciar-me-heis com pedaços e dos pãos de toda a ilha, e com ramos d'ellas ; e escreverei-me como é o nome, e o fructo : e tambem me enviai com pedaços de pedra, e um sacco de terra: lembro-vos o pão para a novidade, segundo e os falhei, se quierem vender a quatro réis, sendo tomado por oito e que me pague de lhe dar por elle ; sendo bem lembrado que se me pague o dízimo de toda oura coisa que houver, e que se façam

(3) MICHAUD. *História das Cruzadas.*

canaviaes nas outras povoações. » No manuscrito não se acha com data, mas do texto se deduz ser esta carta do tempo em que se entrou a povoar aquella ilha, isto é, pelos annos de 1420, o que é conforme a opinião geral de haver n'essa época começado ali o cultivo da canna.

Agora se indagamos d'onde lhe veio a planta, dir-nos-há João de Barros que: « *O Infante per a Ilha do Madeira mandou vir da Sicilia canas d'assucar, que se n'ella plantassem, e mestres deste lavor* (4). » Esta opinião é geralmente recebida. Sem embargo atrevo-me a mostrar alguma hesitação em adoptá-la. E por ventura, o culto, que tam justamente se presta ao distinto historiador portuguez, implicará também o dever de se acreditar n'aquelles sete annos continuos do incendio, que consumiu as florestas d'aquelle ilha ? Ja Cândido Lusitano, na vida do infante dom Henrique, tendo de recontar o successo da coelha prenhe de Bartholomeu Peresirallo, da qual a geração afugentou os primeiros habitadores de Porto-Sancto, presume-se com estas palavras: « *o reforiremos só por obsequio a sincrédula dos nossos antigos, julgando-o digno de escrever-se até a pena judiciosa do nosso insignie Barros.* »

Que o infante mandasse à Sicília buscar mestres de moendas e de assucar, nada mais natural, por ser um dos logares, onde n'aquelle tempo melhor só entendia d'esse mister; cannas porém, elle as tinha quasi em casa, visto que, até o estreito de Gibraltar (e quem sabe se fóra d'elle) já eram conhecidas, e cultivadas.

Não é impossível que a assertão de Barros tivesse por fundamento uma tradição erronea, sem que isso lhe sirva de desculpa.

Se sobre o assumpto consultamos Azurara, auctor contemporaneo, eis-aqui o que elle diz simplesmente, na sua chronica de Guiné: « *Faz (o infante) povoar no grande mar oceano cinco Ilhas especialmente a Ilha da Madeira; e assim d'esta como das outras sentirão os nossos reinos muito grandes proveitos, scilicet,*

(4) *Asia Portugueza, Decada 1.º, livro 1.º*

« de pão, de assucar, de mel, etc. » Também Candamosto, que, não importa seja estrangeiro, tendo estado na Ilha da Madeira em 1505, e sobre negócios d'ella tomado muitas informações, que deixou em seus escriptos, falando das vinhas diz, que o infante mandou vir a cepa da Ilha de Creta, e quando trata da canna diz sómente que elle ordenou que a culti-
vasssem. (5).

Reconheço bem a fraqueza d'este auxilio; mas basta que elle me não contrarie na conjectura, com que pretendo explicar a origem d'aquella tradição, conjectura que agora ha de parecer demasiadamente aventureira; espero porém que no prosseguimento d'esta leitura ella va perdendo esse carácter: e é que quando alguém se lembrou, tempos depois, de investigar estas coisas, passada já a lembrança do como ali chegou a canna, e conservada a da vinda dos mestres da Sicilia, se entendeu que elles a trouxeram consigo.

E' ja ocasião, senhores, de pe lir-vos desculpa do abuso que hei de fazer do vosso tempo, e paciencia, quando tiver de descer a coisas como estas que podem parecer miudas de mais, e impertinentes. Penso sobre isto de outro modo; ou todo este meu trabalho é futil, ou se elle pode ter algum merecimento estas particularidades o não imperaram, antes tendem a completá-lo.

Como quer que fosse, a canna d'assucar passou logo da Madeira para as ilhas portuguezas de Cabo Verde. As Canarias cedo a receberam tambem; e directamente de Espanha, como affirma Herrera.

Medrava n'essas ilhas este importantissimo ramo de industria e commercio, quando o genio, e audacia de Colombo adivinhou, e descobrinlo um novo mundo, lhe abriram campo mais largo.

O Haiti foi a primeira terra americana, a que se deu este valioso presente. N'isto concordam todos os autores; mas em que tempo? Quem o levou? E d'onc? São pontos, em que andam

(5) Coll. de RAMUSIO.

disscrepantes aquelles mesmos que d'issò se deviam mostrar mais sabedores.

Entrarei em discussão um pouco demora la d'estes pontos ; mas ocuparão-me somento com os anchoras, que mais fô merecem. Da confrontação da suas opiniões ficará patente quanta divergência reina entre elles, e quanta incerteza obscurece o assunto ; e porquê me fixa mais commodo inverterei a ordem chronologica, começando pelo mais moderno.

Em 1813 imprimia o sr. barão de Humboldt o seu precioso — *Ensaio sobre o reino da nova Hespanha*, — onde tratando da canna diz: « que ella foi trazida pelos hespanhos das Canarias para São Domingos... que Pedro d'Ailença plantou as primeiras cannas de açucar em 1520, pouco mais ou menos nas vizinhanças da Conscição da Veiga ; e Gonçalo do Veloso construiu os primeiros cylindros. » Assim segundo este ilustre sabio estão decididos aquelles tres pontos: D'onde veiu a canna ? Das Canarias. Quem as plantou ? Ailença. Quando ? Em 1520.

Agora Herrera: este, na sua *História das Indias Occidentais*, publicada em 1601, se exprime do modo seguinte: « ... e como no anno de 1505 um vizinho da Veiga, de nome Aguilón, levou das Canarias cancas de açucar, e as plantou, foram poucos e pouco dandos tão bem, que com muito diligêncie se pôz a beneficiar-as o bacharel Veloso, vizinho de São Domingos, cirurgião, natural de Verlenga, e com alguns instrumentos tirou açucar, e por fim fez um trapiche. » Para este autor, a canna veiu para o Haiti em 1506 trazida das Canarias por Aguilón.

Chago a Gonçalo Fernandes de Oviedo, que em 1514 passou-se para a America, onde esteve muitos annos, ja em Terra Firme, ja na ilha de São Domingos; e escreveu um estimavel livro intitulado: — *História geral e natural das Indias Occidentais*, — que começou a imprimir em 1535. N'olle a respeito da cultura da canna e fabrico do açucar discorre largamente, consagrando a esso objecto um capitulo inteiro, que é o oitavo do livro quarto, e do qual extrai o seguinte: « To los tiveram os olhos fechados até que o bacharel Gonçalo de Veloso à custa de grandes e excessivos gastos, segundo o que possuía, e com muito trabalho de sua pessoa, trouxe mestres de açucar a esta ilha (Hespanhola) e fez um trapiche de cocais, e foi o primeiro

que fizer n'esta ilha assucar: e a elle se devem os agridecimentos com o principal inventor d'esta grangearia. Não foi o primeiro que plantou canas de assucar nas Indias; pois algum tempo antes que elle viesse muitos as haviam plantado..... mas o primeiro que fizer assucar..... e trouxe officios para elle, das ilhas Canarias.»

« Mas indagando eu melhor a verdade, soube de alguns homens de confiança e velhos, que ainda vivem n'esta cidade (de São Domingos) que o primeiro que plantou canas n'esta ilha foi um Pedro de Atienza, na cidade da Conceição de la Vega, cujo alcáizade Miguel Ballesteros, natural de Catalunha, foi quem primeiro fez assucar, douz anos antes, que o fizesse Velosa...»

Oviedo n'esse longo capítulo não diz quanto nem d'onde veiu a planta da canna. O que dà como certo é que Atienza foi o primeiro que as cultivou, e Velosa quem fez levantar o primeiro engenho. Em outro lugar porém lo seu mesmo livro se acham e as palavras:

« As cannas doces de que se faz assucar n'et*i* ilha (Hespanhol) foram levadas das Canarias como extensamente mostrei no libro 4.^o Mas eu li, e reli esse livro, e o que ali se diz é que Atienza levou das Canarias mestres de assucar, e não se fala em cannas.»

O sr. barão de Humboldt conforma-si com o que diz Oviedo quanto à primeira plantação de canas por Atienza, e era só do primeiro engenho por Velosa, e assim também a respeito de ter ilo das Canarias a planta da canna, ao que acrescenta que isso sucedeu em 1520.

Herrera tam discordante de Oviedo, no lugar que deixei citado, segue-o todavia em uma passagem da sua — *Descrição das Indias Ocidentaes* — que é a que vou transladar: « Os primeiros que levaram as Indias canas de assucar, e começaram a beneficial-as foram um Atienza, e o bacharel Velosa.»

Assim, cotejando e resumindo as opiniões d'estes tres autores que são os mais citados e seguidos, temos que todos (sendo Oviedo o primeiro) afirmam: que a canna veiu para São Domingos das ilhas Canarias; trazidas por Atienza, ou por Aguilou; em 1520 segundo o barão de Humboldt, em 1536 diz Herrera, e Ovieiro parece que nada conseguiu saber a este respeito.

Quem não dirá, a vista de taes nomes, que estas questões tinham chegado á solução de que eram susceptíveis? Mas prosigamos.

Gomara, que tambem esteve alguns annos na America, deu à luz a sua *Historia das Indias* em 1559, isto é, dezento annos depois que Oviedo publicou o seu livro. Referindo os apprestos, que se faziam em Cadix para a segunda viagem de Colombo, entre outras cousas diz: «Compraram-se a custa dos reis muitas egoas, vacas, cabras, porcas, e asnas para carne, porque lá não havia semelhantes animaes. Comprou-se tambem mui grande quantidade de trigo, couada, e legumes para sementar; sarmentos, canas de assucrer, e plantas de fructos doces e agras.» Aqui o facto reveste-se de circumstancias inteiramente novas. E é para mim maravilha que estas palavras tão positivamente ditas, por um escriptor hespanhol contemporaneo, e que visitou os lugares de que ia fazer a historia, passem assim inadvertidas. Será que apesar de tudo elle não inspire grande confiança como o dá a enten ler quem escreveu a sua via na *Biographia Universal*, dizendo: «Desgraçadamente Gomara serviu-se de memorias pouco exactas; e cesso facilmente que elle supriu a falta de factos positivos com sua fertil imaginação?» Mas ao menos não merecia ser mencionado ou refutado?

Gomara, n'este caso, teve seguramente bons documentos em que se firmasse; e se lhe faltaram autores hespanhoes tinha os escriptos de Pedro Martyr, de inestimável preço, e limpos de toda a suspeita. Pois este celebre estatista que se correspondia com as primeiras personagens de seu tempo, esteve por varias vezes na Hespanha, enquanto corriam os extraordinarios successos das viagens de Colombo, e das primeiras expedições dos hespanhoes ao Novo Continente. D'onde as noticias elle as recebia em primeira mão, e em toda a sua pureza, quer do proprio almirante, quer de quantos iam chegando das novas terras. «Scripsi, diz elle, que omnes uno ore, inde redeuntes, de ejus terra factura retulerunt.» (6)

No capitulo III da I.^a Decada do seu livro intitulado — *Nova Orbis, ou Oceanus Decades*, tratando da natureza da illa de San Domingos, e da uberdade de seu solo, refere nomeadamente varias

plantas, que foram semeadas nas margens do rio, que corria junto a *Isabella* primeira cidade, fundada na America por Christoval Colombo, as quais nasceram e cresceram com rapidez, e vigor prodigiosos, figurando entre elles a canna de assucar. « *In hujus fluminis ripa*, diz elle, *hortos colendos limitibus conchiuerint: ex quibus de omni olerum genere, ut puta raphanorum, lactucarum, coulum, borageum et aliorum hujuscemodi, intra diem, à jacto semine, sextum decimum, vulgo matura celsa sunt. Melones, cucurbitas, cucumeres, et aliis id genus, in diem sextum et trigesimum carpserunt..... Cannarum radices, ex quarum suco saccharum extorquetur, sed non coagulatur succus, cubitales canas, intra quindecimum etiam diem emisirunt.* »

Se n'este passo não temos precisa a época, em que se fez esta primeira plantação de cannas na America, porque sobre a data d'este escripto existe alguma dúvida, ella está declarada com a desejada exactidão na carta que Pedro Martyr escreveu, a seu amigo Pomponio Leto em Janeiro de 1495, onde esta noticia vem tam extensa, e quasi pelas mesmas palavras, como aqui.

Ora, se em Janeiro de 1495, Pedro Martyr tinha aquella noticia, a canna ja existia em 1494 no Haiti, e não podia ter ido para ali senão na frota da segunda viagem de Colombo, como refere Gomara, a qual partiu de Cadiz em Setembro de 1493 chegou áquella ilha em Dezembro do mesmo anno. E se recorremos á historia das viagens de Colombo acharemos ainda reforço a esta opinião. Lé-se ali que o almirante Colombo tendo chegado a Porto-Real, e achando devastado pelos indigenas o fortim, que na primeira viagem mandara fazer, e mortos todos os Hespanhoes, que n'elle deixara, foi buscar outro sitio, onde lançou os fundamentos de *Isabella*; e deu ordem para que se fizessem semementeas das plantas, que tinham vindo da Europa. Tendo depois ido examinar as minas de Cibao, quando voltou á *Isabella* em Abril de 1494; ficou surprehendido de ver a vegetação vigosa das plantas que douz mezes antes mandara semejar. Reflectindo-se, não se pôde pôr em dúvida que foi d'este acontecimento que Pedro Martyr teve a noticia, que perpetuou em seus escriptos, com declaração das espécies semeadas.

Tenho pois por incontestavel que a canna de assucar chegou a San'Domingos em Dezembro de 1493; e foi ali plantada em Janeiro do anno seguinte.

D'onde então procedeu tanta divergencia entre autores que escreveram tam proximo ao acontecido? Quanto a mim, é que fidados mais nas informações, que por si mesmo tomavam, do que nos escriptos contemporaneos, foram por elles induzidos em erro. E talvezque tudo se passasse do modo seguinte: A plantação de alguns pés de canna em Isabella, da que fala Pedro Martyr, levados de Cadix, como refere Gomara, cedo cahiu da lembrança dos colonos; o que não admira, pois aquella cidade teve pouca duração, sendo logo em 1497 desamparada por estar em sitio malassão; e os seus habitantes se dispersaram, indo uns para San'Domingos, que então se fundou, e outros para a Conceição da Veiga, ja existente em 1505.

Levando plantas de Isabella fizera os primeiros cannavaes que houve nas cidades de San'Domingos e Conceição, sendo provavelmente seus lavradores ali Aguilón, e aquí Atienza. De um destes factos se transmisso separadamente a noticia a Herrera, e do outro a Oviedo. E' isto uma simples hypothese, mas creio que acceptável, porque, sem contrariar a historia, harmonisa opiniões tam desacordes.

Quanto ao que afirmam os tres primeiros autores por mim citados, de ter vindo das Canarias a planta da canna para San'Domingos, como fica demonstrado que não foi assim, posso, sem escrupulos, oppôr-lhe a mesma observação que fiz a respeito da Madeira. O que veiu das Canarias foram mestres de assucar, trazidos pelo bicheiral Veloso quando levantou na cidade do San'Domingos o primeiro engenho que houve na America.

Cabo aqui refutar a opinião de alguns autores, que asserem ser a canna doce natural tambem da America, firmando-se principalmente no dizer de alguns viajantes, que acharam-na vegetando por si, ou cultivada pelos selvagens em lugares, onde ainda não havia habitado europeu.

E me occuparei so com o padre Labat (que é quem mais largamente arrazoou n'esse sentido) mostrando o lado fraco dos seus melhores argumentos.

« O inglez Thomaz Gage achou entre os selvagens da Guadalupe canhas d'assucar. » (Este missionario andou pela America em 1625.)

« O padre Hennepin via nas terras baixas da foz do Mississipi abundantes cannas nascendo sem cultura. » (Est'outro viajou em 1675.)

« Joao de Laet diz que as canhas d'assucar crescem naturalmente na ilha de San Vicente uma das Antilhas. » (A obra d'este autor é de 1630.)

« Joao de Lery escreve que nos arredores do Rio de Janeiro havia grande quantidade de canhas d'assucar. » (Isto era em 1556.)

Estas são as provas mais valentes, em que se apoia Labat para asseverar que a canna é tambem planta natural do Novo Continente, sem lhe ocorrer a elle, e a quantos o copiaram, que tudo aquillo acontecia muito depois que os Espanhoes, e Portuguezes haviam estabeleci-lo em suas colonias americanas fabricas de assucar, d'onde os selvagens podiam tomar a canna, e leval-a nos logares mais solitarios; e que enfim todo o littoral era frequentado por navios europeos; com os quais os indigenas commerciavam desde muitos annos, e d'elles podiam receber aquella planta.

Por outro lado, nos escriptos, que restam dos primeiros viajantes, e exploradores da America, como Colombo, Caminha, Vespucio, etc., encontram-se nomeadas varias plantas americanas, mas não a canna d'assucar.

De varios vocabularios de linguas americanas que eu pude consultar, nem um traz nome proprio para este vegetal. É verdade que em Pison e Maregravio vem as palavras — *Vibi* — e — *Tacomare* — ; mas se alguma vez o selvagem se servia d'ellas para designar a canna d'assucar, é claro que lhe faltava o termo proprio, porquanto a primeira é um nome generico das gramineas, que dam fracha, e a segunda é talvez corrupção de *tacumari*, *tacara*, ou canna pequena.

Emfim, si qualquer das especies das nossas cannas fosse originaria d'este continente, achar-se-hiam, não aqui, ou acolá uma, ou duas touceiras, mas generalisada por toda a parte, ondeo

clima lhe fosse propício, como se viu com a mandioca, milho, e outros vegetaes.

Nada pois nos persuade que a canna d'assucar seja planta nativa da America.

Chege, senhores, depois de ter-me talvez feito esperar de mais, à parte essencial do meu ponto, considerando-o particularmente em relação ao Brazil.

Eja não pôde ser questão sia canna é ou não indígena d'esta terra. As provas afirmativas são da mesma natureza, e força que as do Padre Lahat; como, por exemplo, « O brigadeiro Antonio de Almeida e Lira, governador do Cuiabá, querendo cultivar a canna e ali, e não havendo planta no lugar, mandou por alguns de seus familiares em duas canoas de guerra, de margens do rio San' Lourenço, onde tinha notícia, que dois annos antes alguns sertanejos a os haviam achado vegetando naturalmente. Pardos dois meses « voltaram as canoas carregadas de cannas, com que se fez a primeira plantação em Cuiabá (7). » Todo isto ha de ser verdade; mas passava-se em 1730, ou duzentos annos depois que no Brazil se começou a plantar canna.

E' um facto, que se esquia a toda averiguacão historica, a época, em que este vegetal entrou em nosso paiz; porque d'i só nô podia ficar vestigio.

Provavelmente este assorto ha de produzir alguma extranheza quando a crença geral é que Martim Affonso a mandou buscar à Ilha da Madeira.

Para discutir este ponto tenho por conveniente transcrever aqui segundo a ordem dos tempos, o que nos autores pude achar a esse respeito; e assim se verá como também aqui reina a incerteza.

Pedro Magalhães de Gandavo, que escrevia em 1576, apenas nomêa a canna d'assucar (8).

(7) *Corografia Brasilica*, tomo 1º.

(8) *Historia da Província de Santa Cruz*.

Gabriel Soares em 1589 quando quer falar da cultura da canna na Bahia, exprime-se d'este modo: « E captaçõe nos na canna de assucar, cuja planta levaram d'capitânia dos Ilheos, da Madeira e do Cabo Verde (9). »

Simão de Vasconcellos na *chronica da compaixida impressa em 1663* diz: « Esta villa (San' Vicente) foi a primeira, em que se fez assucar, na costa do Brazil, e d'onde as outras capitâncias se provaram da canna para planta. »

Poucos annos depois (1675) escrevia Bruto Freire o seguinte: « Aqui (San' Vicente) se acham o modo de fazer assucar. E aqui se acharam primeiros os canas, em que se era, d'onde sahiu a planta, e que inuidou utilissimamente a Nova-Lusitânia. (10) »

O padre Agostinho de Santa Maria, compondo em 1722 o seu *Sanctuario Mariano*, repete o que disse Simão de Vasconcellos.

Ignacio Barbosa Machado reproduziu nos *Festos das Antigas e Novas Lusitanias* em 1745, quasi sem mudança de palavras, o texto de Bruto Freire.

No *Orbe Serafico* do padre Jabatão, impresso em 1761, se lê: « Foi povoada esta capitânia (de San' Vicente) de nobre e honrada gente, que consigo trouxe seu fundador Martinho Affonso..... foi a primeira onde se fabricou assucar, e d'onde as mais se procederam da semente das canas, que plantaram; que foi só a parte do Brazil em que se achou a planta. »

Os padres Jabatão, e Vasconcellos provavelmente se fundaram em uma outra passagem de Gabriel Soares, si é que todos não copiaram algum escripto anterior, de que ja hoje não ha noticia.

Do que flea exposto até aqui, so se collige com segurança, que onde primeiro se fez assucar no Brazil foi a capitânia de San' Vicente, ficando ainda em escuro quem, e quando o fez. E a respeito da canna, uns deixam entrever, outros dizem claramente, que foi achada ali: com excepção de Gabriel Soares, que affirma que para a capitânia dos Ilheos veio a planta da Madeira, ou da Cabo-Verde.

(9) *Notícia do Brazil.*

(10) *Guerra brasílica.*

Pedro Taques Paes Leme, homem cheio de erudição das coisas de sua província (São Paulo) que, como diz fr. Gaspar, gastou cincuenta annos em investigar as suas antiguidades, para depois escrever a sua historia, à que deu a ultima de mão em 1772; sobre a materia que nos occupa diz o seguinte: « *Aiô: o anno de 1533 existio em a villa de San' Vicente o seu fundador Martim Affonso de Souza, e n'ella estabeleceu o primeiro engenho de açucar, que houve em todo o Brasil, com a vocação de S. Jorge.* » Mais claramente se explica Pedro Taques na sua historia da expulsão dos jesuítas do collegio de S. Paulo, dizendo: « Deixando a povoada a dita villa da Ilha de S. Vicente e estabelecida uma grande fazenda com engenho de assucare, com vocação de S. Jorge, se retirou o dito Martim Affonso de Souza para o reino em fim do anno de 1534. » (Revista Trimensal 2.^a serie Tomo 5.^a n.^o 12.) Aqui sim, temos já conhecimento de quem levantou essa fábrica, e a possibilidade de marcarmos aproximadamente o tempo em que o fez, devendo ser dentro do anno de 1532. Mas Pedro Taques guarda silêncio a respeito da canna, seguramente porque não teve documentos, que o guiassem.

Em 1797 sahiram à luz as — *Memorias para a historia da capitania de San' Vicente* — escriptas por fr. Gaspar da Madre de Deus, nas quaes o instruído, é laborioso Monge, sobre o nosso assunto, se explica d'esta forma: « *Mandou (Martim Affonso) cir da ilha da Madeira a planta de canna doce. Para que os lazerdores e puderesse mor, fabricou quai no meio da sobredita ilha um engenho d'água, com capella dedicada a S. Jorge, o qual foi o primeiro, que houve no Brasil.* » N'esta passagem quanto diz respeito à fundação do engenho, é consentâneo com o que escreveu Pedro Taques, cujos manuscripts confessa fr. Gaspar, que os teve entre mãos: mas a notícia, que nos dá, sem declarar d'oncde a houve, de ter Martim Affonso mandado vir da Madeira planta de cannas, é aqui onde a encontro pola primeira vez.

Desde então tem esta opinião dominado sem contraste. Examinada porém, em confrontação da historia d'esses tempos, não me parece assentada em bons fundamentos. Vejamos: Pelo

diario da navegação de Pero Lopes, tom se hejo a certeza de quo Martim Affonso atriu os alicerces á primeira colonia portugueza em San' Vicente, de volta do Rio-da-Prata, em fins de Janeiro de 1532: e que em Março, ou na monção do anno seguinte (conforme os documentos, que viu fr. Gaspar) partiu para Lisboa, tendo-se demorado em São Vicente obra de quatorze mezes. Ora, sendo n'esse tempo, que como expressamento o diz Pedro Taques, elle f'z fazer o engenho de San'Jorge; e não constando, que, no entretanto, mandasse um expresso, à Madeira, ou que de lá lhe chegasse navio, a conclusão á que Martim Affonso não recebera da Madeira as plantas da canna. So querendo se admittir que elle fabricou o engenho antes de ter as cannas, o que nem é natural, nem se coaduna com as palavras de fr. Gaspar, cujo sentido obvio, e grammatical é que Martim Affonso fez o engenho para que os lavradores moesssem as cannas, cuja planta tinha mandado vir da Madeira.

Eu cortarei ja por esta dificuldade, reservando-me para dar depois as provas, em que me estribo: Martim Affonso mandou fazer o engenho, porque se acharam no littoral de San'Vicente cannas de assucar plantadas por mão dos selvagens.

O nosso illustre censocio o sr. Varnhagem, na biographia de Martim Affonso, que adjunctou ao diario de Pero Lopes, resolve esta questão de outra maneira. Segundo elle, Martim Affonso estava já em Lisboa, e se preparava para a viagem da India quando deu as providencias, «enviando para sua capitania, caias, plantas, & sementes, incluindo a canna de assucar, e celebrando contracto: <para a factura d'este.» Por outras palavras, foi entre Maio de 1533 e Março de 1534 que o donatário de San'Vicente, estando em Lisboa, determinou que se levasse para a sua capitania cannas de assucar, e contractou a edificação do engenho de San'Jorge. Isto vae em cheio encontrar o que dizem Pedro Taques e fr. Gaspar. E como ignoro as razões, com que se autorisa, me permitirá o sr. Varnhagem, que ao menos por agora, eu continue no meu proposito, cingindo-me ao que escreveram aquelles outros dois Paulistas. Mas é tanto o peso de sua opinião, especialmente em materia de historia do Brazil, que não posso prescindir

do justificar-me da impugnação que me anima a fazer-lhe. Aquelle contrato feito em Lisboa é posterior á criação do engenho de San'Jorge (e esta, entendo eu, presuppõe a existencia da canna em San'Vicente) como se collige dos escriptos de Pedro Taques e fr. Gaspar, tem que este expenha o negocio um pouco embrulhadamente. Diz elle que Martim Affonso de Souza e Pedro Lopes de Souza fizeram sociedade com João Veniste, Francisco Lobo e Vicente Gonsalves, com o illm de levantarem dois engenhos, um em cada uma das respectivas capitâncias d'esses donatários, as quaes eram San'Vicente e Itamaracá. Ja aqui ha defeito de redacção quando dã a entender que se iam levantar ambos os engenhos; mas o auctor corrige-se logo servindo-se provavelmente das proprias palavras das escripturas, que elle viu. Assim, a respeito de San'Vicente se exprime d'esto modo: « *no engenho* « *construido na capitania de Martim Affonso* » e mais adiante: « *Martim Affonso satisfizes a condicio assignando as terras no en-* « *genho de San'Jorge*, situado na ilha de San' Vicente. » E a respeito do Itamaracá diz: « *no outro engenho que se erigisse em* « *susas terras.* »

Reforçar-me-hei ainda com outra argumentação. O engenho de San'Vicente teve, diz fr. Gaspar, varios appellidos segundo seus possuidores em diferentes tempos. Chamou-se primeiro *Engenho do senhor governador*, por ser do donatario; depois *Engenho dos Armadores*; e por ultimo *San'Jorge dos Erasmos*, tendo passado ao domínio do Allemão Erasmo Scheter, e seus filhos. ora os armadores, que em segunda mão possuiram o engenho de San'Jorge, não podem ser, senão aqueles, com quem se fez o contrato em Lisboa. Isto se infere claramente d'ostas palavras de fr. Gaspar: « *Para fomentar o commercio instituiu* « *Martim Affonso uma sociedade mercantil; e aos accionistas* « *d'esta companhia chamaeiam ARMADORES DO TRATO.* » Si pois em tudo isto me não tenho enganado, Martim Affonso pelo contrato feito em Lisboa cedeu à companhia o seu *Engenho do Governador*, que tomou o nome de *Engenho dos Armadores*.

A estes ultimos o compraram os Erasmos, como o diz fr. Gaspar, e tambem Pedro Taques, cujas palavras são: « *O engenho de*

« San'Jorge depois, com grande avugento de fabricas, e escravatura passou a ser dos Alemães Erasmo Esquert e Julião Visnot, e ficou chamando-se San'Jorge dos Erasmos.» Não fala nos Armadores, porque quanto a mim Julião Visnot é o mesmo João Veniste de fr. Gaspar, um dos Armadores, que depois vendeu a sua parte aos filhos de Erasmo, o qual tinha antes comprado a parte dos outros.

A imperícia dos escrivães adulteravam os nomes estrangeiros até tornal-os desconhecidos. Não é só aquele; também o segundo nome de Erasmo está viciado. Pedro Taques escreve *Esquert*, e fr. Gaspar *Scheter* ambos errados. Ao menos este tenho modo de o rectificar, por achá-lo escripto na narração da viagem de *Ulricus Faber* (11) que em 1553 tocou no porto de San'Vicente, onde diz elle: «navem Iustinicam invenimus, saccharo, & gasupio, et aliis rebus onusta, que ad Erasumum Scheltzen per-
tinebat. (12)»

Não podendo eu pois, e bem a meu pezar, submeter-me, n'esta materia, à opinião de fr. Gaspar pelas razões expendidas, nem à do sr. Varnhagem, por isso que, se na occasião do contracto, de que fala, já o engenho San'Jorge existia, lhe era também anterior a existencia da canna em San'Vicente, resta ver si com effeito a canna d'assucar podia existir em San'Vicente antes que ahi chegassem a armada de Martim Afonso. O que, em minha opinião, não ora se possível, devia acontecer.

Brito Freire e outros mais disseram bem positivamente que na capitania de San'Vicente só achou a canna de que se faz assucar. Elles o não inventaram, é tradição que corria, e a que só dava assenso, ou não se combatia, até o tempo de fr. Gaspar. Mas isso não seria bastante, si não fosse confirmado por um valioso documento.

A armada hespanhola, que devia fazer o gyro do mundo sob o mando de Fernão de Magalhães, em 1519, fundeu na bahia do Rio de Janeiro, e ahi achou entre os indigenas a canna de assucar, como refere Pigafetta, a quem se deve uma narração d'esta im-

(11) Na Coll. de TERN. compans lê-se: *Ulricus Schmidel*.

(12) Coll. de THEOD. DE HAY.

preza. « Passada a linha equinocial, diz elle, navegámos até uma terra, que se chama Terra de Brazil, 22 grdos para o polo antartico... Nesta terra nos refrescámos com muitas fructas, e entre outras batatas que se assemelham ao sabor das castanhas, e são como nabos ha outras que se chamam pinhas fruta muito gentil: comemos carne dum animal chamado anta, que é como uma vaca; achamos CANNAS DE ASSUCAR, e outras infinitas cousas » (13).

E tanto prosperaram aqui, que quarenta annos depois João de Lery, historiando as maravilhas de Guanabara, usa d'estas palavras: « sachiri quoque canner optime in illis terris crescunt, et maxima copia » (14).

E pois que todo o mundo sabe que as *tobas* ou aldêas dos Tamoyos se comunicavam por mar, e por terra desde Cabo-Frio, até San'Vicente, ha de se convir, que uma planta tão estimada pelos salvagens e de tão facil propagação devia ter-se estendido por toda essa costa.

Mas perguntar-se-ha como veiu essa planta ao Brazil? Não tenho outra resposta senão a que ja dei a entender em outro lugar. Todo o litoral americano e especialmente o do Brazil, era devassado por navios europeus, em viagens de explorações, ou com o fim de traficar com os indigenas: e seguramente n'elles vinham as cannas de assucar, tomadas nas arribadas, que faziam em algumas das Ilhas-Canarias, ou de Cabo Verde, para refresco da gente; ou quem sabe si mesmo como um desses *resgates* de pouco valor, com que angariavam os pobres americanos, e lhes pagavam o seu trabalho. Que a canna era um bom refresco para viagem de mar, vê-se por estas palavras do padre Thomaz Gage: « partindo de Guadelupe chupávamos cannas de assucar, que sempre tínhamos na boca » (15).

Para o Brazil, o mais provavel é que ella viesse de San'Thomé, onde geralmente se refaziam os navios, que navegam para a India, e para o Brazil; e onde a industria assacarreira havia tomado tal

(13) Coll. de RAMUSIO.

(14) Hist. de uma viagem feita ao Brazil.

(15) Coll. de viagens por THEVENOT.

desenvolvimento, que o professor Domingos Vandelli asssevera haver alli sessenta engenhos em 1492 (16).

Agora em que se fundou fr. Gaspar para afirmar que Martim Afonso a mandou vir da Ilha da Madeira, não sei dizer. Segundo porém a minha maneira de interpretar estes factos, que talvez peço por systematica, não é improvável que essa crença se originasse pelo modo que vou expor. A associação formada em Lisboa com o fim de fazer engenhos e administrar o negocio dos assucareiros mandaria procurar a Madeira bons mestres desse lavor, na frase de Barros; e n'esta suposição me ationa o próprio fr. Gaspar, quando, fallando da nobresa, dos primeiros povoadores de São Vicente diz « *Antão Leme, Fidalgo da Madeira... supõe-se que veio na mesma occasião, em que Martim Afonso mandou buscar a Madeira a planta das canas.* » E como me parece ter mostrado que isso não teve lugar, julgo que esse fidalgo veio em companhia dos mestres, aos quais, por costume, se attribuiu a trazida das canas (17).

O facto é que por toda a parte a semente da canna chegou muito antes que se cuidasse em preparar o açucar; e por quasi toda a parte, teve também sorte igual à do outro vegetal, que, conduzidos por particulares descuidados não deixam documentos nem de si nem de seus introdutores.

Não é o mesmo com o establecimento de fabricas ou engenhos; são factos notáveis, que com os nomes de seus fundadores gravam-se na memoria do povo, ou se perpetuam em c̄ripturas publicas. Os lugares d'onde vinham os melhores operarios também não ficavam esquecidos; e não deixa de ser curiosa a circunstancia de se querer que com elles viesse sempre a planta da canna.

Tal é, senhores, o meu modo de encarar este objecto. Serei taciturno de temerario, porque oponho à afirmativa de autores conceituados denegações fundadas, muitas vezes em conjecturas. Não

(16) *Memoria sobre alguns produtos naturaes das conquistas.*

(17) Entenda-se que tratando das primeiras canas que se plantaram no Brazil e das quais seguramente quiz fallar fr. Gaspar, não é meu propósito negar nem afirmar, que no navio, em que supõe-se que vieram os referidos mestres, ou em outros, viesssem também cannas d'assucar.

me quero defender; ahí ficam explanados, como Deus me ajudeu, os argumentos, em que me estribo; elles dirão si a razão me assiste, ou não.

Em resumo, vimos a nossa planta partir da península Indiana, chegar ás praias do Oriente, seguir pelas Ilhas, o beiras do Mediterrâneo, sair pelo estreito de Gibraltar, derramar-se pelas Ilhas da Madeira, Canárias, o de Cabo-Verde, e d'aqui saltar ao Brazil pouco tempo depois do seu descobrimento.

A cana da que me tenho ocupado até agora é a que, tanto no Brasil, como nas Antilhas, chamam *canna creoul*, denominação, que, eu creio, lhe foi dada, depois que com ella veiu competir a outra proveniente de Otaíti, e que entre nós tem o nome de *canna cayena*.

Tussae a tem por espécie distinta — *Saccharum luteum* (18).
Mas outros a reputam uma variedade — *sacch. officinarum*.

Bourgainville na sua viagem em roda do mundo em 1768 achou-a crescento seu cultivo em Taiti. D'aqui veio para as Ilhas de França e de Bourbon, e d'esta ultima para Guiana Francesa, onde a chamam — *canna de Bourbon*.

Para o Brazil ella veio de Cayena, d'onde trouxe o nome: e a primeira província que a recebeu foi o Pará, no tempo do governo de dom Francisco de Souza Coutinho (19), entre os annos de 1790 a 1803.

Segundo as informações que devo à bondade do ex.^{mo} sr. conde de Iguassú, ella chegou à Bahia em 1810; e foi primeiro plantada no engenho da Praia, cujo dono era Manoel da Lima Pereira.

Da Bahia passou para o Rio de Janeiro pelos cuidados do ex.^{mo} Felisberto Caldeira Brante, depois marquês de Barbacena: e os primeiros engenhos, que aqui a cultivaram foram os de Bangú, e Gericinó, na freguesia do Campo-Grande, dos quais era pro-

(18) *Hera das Antilhas*.

(19) BALTHASAR DA SILVA LISBOA, *Anuas do Rio de Janeiro*.

prietaria a ill.^{ma} dona Anna de Castro; e à amizade do ex^{ma} sr. barão de Piraquara, dono actual do de Bangú, devo o conhecimento de que isso foi em 1811 (20.).

Depois d'esta tem-nos chegado outras variedades, taes como a *rajada* e a *rossa*, ou canna de Batavia, que actualmente está sendo preferida em algumas fazendas proximas a esta cidade.

Senhores, foyendo a emmaranhá-me em considerações históricas, para as quaes tenho poucas habilitações; obrigado a cada passo a recorrer a conjecturas na falta de dados claros e positivos; constrangido a combater opiniões de doutos escriptores, minha narração deve necessariamente ressentir-se dos meus embarracos. Si ao menos eu possuisse o talento, e o habito de escrever, talvez conseguisse amenizar um pouco a rudeza da materia; e de alguma sorte disfarcar os meus defeitos; mas como isso me não é dado, so me resta pedir-vos que prestais ouvidos indulgentes a esta, como a outras leituras, com que, por obediencia, tenho ainda de ocupar a vossa attenção.

Sala do Instituto, 16 de Maio de 1856.

Francisco Freire Allemão.

(20) Ainda que eu tenha toda a confiança n'estas informaçōes, não posso todavia deixar de trahalhar aqui, o que a essa respeito escreveu o padre Luiz Gonçalves dos Santos nas suas *Memorias para escrever a historia do reino do Brasil*. Referindo os acontecimentos do anno de 1810, diz: «Tambem d'esta colonia francesa (Cayenna), presentemente sujeita ao domínio do principio regente nosso senhor, foi remetido para essa corte, pelo brigadier Manuel Marques, governador interino da mesma colónia, uma preziosa colecção de plantas especierias, e frutíferas, extraídas do celebre Jardim chamado Gabriella, . muitas d'estas plantas ficaram no Pará, outras em Pernambuco, e grande numero d'ellas chegaram a este porto do Rio de Janeiro... e logo foram remetidas para o Real Jardim da Lagôa de Rodrigo de Freitas, para ali se cultivarem. Juntamente com essa remessa de plantas vieram canhas saccharinas da mesma Cayenna, as quaes pela sua enorme grandeza e grossura se fazem apreciaveis, etc. etc.»

CAFÉ (*Coffea*).

O nome — *arabica* — com quo Linneo especificou esta *rubiacea* mostra que elle a reputava indígena da Arabia : e esta era tambem a crença commun então ; porque foi ali, onde primeiro os europeus a encontraram cultivada, e onde o commerce se provia do seu fructo para o repartir pelos povos da Europa, quando entrou a ser em uso.

Mas um medico francez Carlos Jacob Poncelet, que peregrinou a Ethiopia em 1698, dá noticia d'esta planta de modo a fazer crer que era ali nativa. « *Em quanto estive na Ethiopia, diz elle, soube que mais de una vez haviam tentado os Hollandezes entrar no commerce com os habitantes d'aquele lugar; pordin, ou fôsse peli diferenças de religião, ou porque seu grande poder nas Indias orientaes causava ciumes, o certo é que os Ethiopes não quiseram trato com elles.... Também la me constou que os ingleses andavam desejosos de entreter relações commerciaes com aquelles povos ; e que um mercador armenio, de nome Agapyri, se havia associado com os ingleses para ter parte n'este commerce, que devia ser muito lucroso ; porque além do oiro, algalia, mersim etc. tirariam da Ethiopia o aloes, a myrrha, a cassia, o tamarindo e o café, do qual os Ethiopes fazem pouco caso ; e me disseram que esta planta fôra antigamente levada do seu país para Yemen na Arabia Feliz, onde hoje se faz a principal cultura ; porque na Ethiopia já se cultiva somente por curiosidade.* » (1)

Quanto a mim, o abade Raynal fundou-se no testemunho d'este viajante, quando na sua erudita e estimavel — *Historia dos estabelecimentos e commerce dos europeus nas duas Indias* — as severa que O Cafeteiro nasce espontaneo na Alta Ethiopia, onde de tempos immemoriaes é conhecido.»

(1) *Cartas edificantes* — 1767 — (em hespanhol).

Ultimamente a expedição scientifica, mandada pelo governo francez explorar a Abyssinia em 1839, composta dos Srs. Quartin Dillon, Petit, e Lefebvre, dos quaes so este ultimo voltou à França, havendo os dous companheiros perecido, o primeiro de typho, e o segundo afogado no Nilo, acharam a planta do café vegetando naturalmente no districto de Kaffa, onde os habitantes não tiram d'ella beneficio algum.

A autoridade d'estes viajantes; a tradição que Poncelet achou na Ethiopia; e a seguinte passagem de um manuscrito arabe « *antes de Gomaleddin, o café era desconhecido na Arabia. Tendo porém passado de Aden para outros lugares vizinhos foi levado a Mecca, em fins do seculo 9.^o d: Egira, ou 15.^o da era christã.* » (2) Todo isto, digo, faz hoje acreditado que a Alta Ethiopia é a verdadeira patria do cafezeiro.

E na opinião de Loudon (3), o uso do café na Ethiopia sobe a tempos mui remotos; como também o indica Raynal.

E' porém digno de reparo que nem Fr. João dos Santos na sua *Ethiopia Oriental*, impressa em 1609; nem o padre Balthasar Telles, que escreveu a historia da Alta Ethiopia à vista de numerosos documentos, fornecidos pelos missionarios, que ali estavam desde 1540 até seu tempo, digam cousa alguma a respeito do café, que todavia era ja bebida divulgada em 1655, quando este ultimo companha a sua obra em Gôa.

Não reparei o que se conta do como se descobriram as qualidades e os usos d'esta semente, porque tudo tem ares de um verdadeiro conto arabico. O que com verdade se sabe é que em fins do seculo XV entrou a ser cultivada na Arabia Feliz; que meado o seculo XVI tanto ali, como no Egypto, e em outros lugares do oriente seu uso era commun; e que um seculo mais tarde se fez conhecida na Europa, onda chegava vindo da Arabia pelo mar vermelho, até que os Hollandezes lhe dêram novo caminho rodeando a Africa.

(2) *Historia geral das viagens*, pelo ABBADE PREVOT.

(3) *Encyclopaedia das plantas*.

A palavra europeia — café — é corrupção da arabe — *cohoret*. — O padre Manoel Godinho (4) que a ouvia da boca dos Arabes quando veiu da India para Portugal, escreve — *caod*, — provavelmente suprimindo a aspiração do arabico. Este vocabulo significa propriamente o licor, ou infusão feita com os grãos do cafezeiro, dos quaes o nome arabe, ou mais provavelmente ethiopié é *bon*, ou *ban*. Fr. João de Souza, porém, quer que *cohuet* signifique o grão torrado, que antes d'isso se chama *bon*. (5) Deixo a quem compete a decisão d'este ponto.

Linneo, reformando a nomenclatura botanica, entendeu que para esta planta o nome generico devia ser *coffeea* derivado do grego *καφεῖν* (*cofeo*) eu me calo, antes que de *cohoret*, por ser termo barbaro. Apezar do respeito, que infunde tam grande nome, eu, apadrinhado com Loudon, direi sempre *coffeea*, mais accommodado no arabe.

O primeiro desenho e descrição botanica do cafezeiro, que apareceu na Europa se devem a Rauwolf, naturalista hollandez, que andou pelo oriente em 1580. E as primeiras plantas vivas, que ali chegaram foram trazidas tambem pelos hollandezes em 1690.

Estabelecidos estes em Java desde 1610, parece que so pelos annos de 1680 é que lhes veiu a idéa de transplantarem para ali o cafezeiro. Primeiro levaram da Arábia algumas sementes, que plantadas não vingaram, depois passaram algumas *mudas*, ou plantinhas, as quaes pegaram e fructificaram bem. D'esta producção sahiram algumas plantas para a Europa, e para a America. Aquellas chegadas em 1690 se crearam em estufas nos jardins de Amsterdam: e d'ellas provieram as que Luiz XIV de França recebeu de presente em 1714, e que cultivadas no Jardim das Plantas em Paris produziram alguns pés, que foram confiados a Declieux para os transportar a Martinica, onde chegaram em 1720, devendo sua salvação aos cuidados affectuosos do seu portador, do que elle proprio faz a interessante historia, que mandou à Aublet, e este a publicou em sua obra, *Piantas da*

(4) *Itinerario.*

(5) *Vestígios da língua árabea em Portugal.*

Guiana. Est'outras levadas para a colonia de Surinam, poucos annos antes, ou depois de 1700, foram as que primeiro se aqueceram ao sol da America.

De Surinam passaram clandestinamente algumas sementes de café para Cayena colonia francesa em 1710; isto é, antes que a Martinica recebesse as plantas, que lhe levou Declieux.

Pois os franceses tinham ja concebido quanta era a vantagem da cultura e commercio d'este genero. Assim ja em 1708 tinham formado em Sam'Malo, uma compagnia de armadores, para comerciar directamente com a Arabia, tendo por objecto principal o transporte do café. E os primeiros navios, que a isso foram, voltaram com boa carga em 1710. (6)

No distrito de *Belt-el-Fahah*, em Yemen havia formosas plantações de café, as quaes, diz o abade Prevot (7), os europeus quando ali estavam, iam ás vezes visitar, recreando-se. E foi d'ali que os hollandezes e franceses tiraram plantas, aquelles para Java, no anno acima declarado; estes para a ilha de Bourbon em 1717.

Em quanto hollandezes e franceses porflavam em tirar proveito d'esta planta, o que faziam os portuguezes? Em um artigo do *Panorama* (8) a respeito do café, vem estas palavras: «*Quando os nossos navegadores rodeando a Africa chegaram a Arabia; começaram por negocio a transportar o café para a India: os hollandezes, que nos usurparam este ramo do commercio, como todos os que faziamos no oriente, levaram para Batavia alguns pés d'aquele arbusto... etc.*» Esta asserção deve ter fundamento historico, que me é desconhecido. O que sei é que os hollandezes so depois de 1600 é que se apoderaram do commercio do oriente: e até essa época chegam as *Decadas de Barros e Coito*, onde nem a palavra — café — se acha.

Recorri aos escriptos dos portuguezes, que andaram pela India e Ethiopia, taes como: Duarte Barbosa, que em 1516 tam extensa e minadamente escrevia sobre coisas da India, Africa, o mar ver-

(6) *Hist. geral das viagens*, pelo abade PREVOT.

(7) *Idem.*

(8) 2.^a anno, pag. 405.

melho; o padre Francisco Alvares na viagem ao preste João em 1520; e enfim o capitão João Ribeiro, que militou na India, para onde foi em 1640, e ali se demorou obra de quarenta annos, e parte d'estes como prisioneiro de guerra em Batavia, na sua — *Fatalidade historica da ilha de Ceilão*; onde, quando elle faz uma como resenha dos principaes generos do commercio de varias nações, se acha o seguinte: « *O estedo do Brasil tem assucet e tabaco; a Arabia incenso, myrrha, tamaras, e cavallos; a Persia sedas... etc.* » Nem estes, nem outros, que escuso nomear, fallam em café, que parece ser-lhes inteiramente desconhecido.

E como explicar-se este silencio? Será que, apesar do que se lê no *Panorama*, o café preparado na Arabia, encaminhava-se, pelo mar Vermelho, para o Egypto e para a Turquia, e não sahia da porta do Estreito para os mares da India, antes das emprezas dos hollandezes?

Como quer que seja, a verdade é que os portuguezes so depois que os hollandezes e franceses commercializavam ja muito, com este genero, e o cultivavam em suas colonias é que acordaram do seu sonno e enidaram em introduzir essa industria nas suas vastas possessões que denominavam *Nostra Lusitania*.

Nem me demovo d'este pensar monsenhor Pizarro dizendo: « *O café tendo sido transplantado da India para o Brasil, onde principiou a prosperar, foi contudo mandado arrancar por el-rei dom Manoel para conservar o comércio com a Ásia, impondo pena de morte aos que tratassesem de sua cultura...* » (9) Basta ver que quando el-rei dom Manuel falleceu em 1521, ainda o café não era conhecido na Europa, não podendo portanto ser objecto de comércio. Evidentemente monsenhor Pizarro interpretou mui de ligeiro uma passagem da carta do padre Antonio Vieira a Duarte Ribeiro de Macedo datada de 1675, que é a seguinte: *Ha muitos annos que sei se dá no Brasil a pimenta, e quasi todas as outras drogas da India, como se experimentou no primeiro descobrimento; e el-rei dom Manoel por conservar a conquista do oriente*

(9) *Memorias historicas do Rio de Janeiro Vol. 7º.*

mundo arrancar todas as plantas asiáticas com lei capital que ninguém as cultivasse; e assim se executou ficando somente o gengibre, que, como é raiz, dizem no Brasil, se mette pela terra dentro; mas ainda assim se conserva a proibição, e se torna por perdido.»

O primeiro documento valioso, de que tive notícia, sobre a introdução do café no Brasil, é a carta régia de 8 de Agosto de 1732 dirigida ao governador e capitão-general do estado do Maranhão e Gram Pará, José da Serra, na qual se recomenda a propagação da planta da canella e do café (10).

E parece que se lhe deu boa execução; por quanto em Dezembro de 1748, requereu o senado da câmara do Pará ao ministério: «que venham mais navios buscar carga; porque é grande a quantidade dos generos, e se está perdendo muito cacau, cravo, «café etc.» E declarando haver em cultivo: «mais de setecentos «péz de cacau, e dezesete mil péz de café...»

Outro documento, digno de menção é o manuscrito do jesuíta João Daniel que esteve onze anos nas missões do Amazonas, e escrevia pelos annos de 1767, no qual manuscrito se lê o seguinte: «Café (grande genero do Amazonas...) se vam estendendo «tanto os cafeezaes, que d'aquí a alguns annos será uma das principais riquezas d'aquele rio; pois já manda para a Europa muitas «mil arrobas.» (11)

Estes documentos, porém, não nos informam do logar d'onc veiu a semente do café para o Pará; nem em que tempo, por quanto a carta régia citada suppõe, quanto a mim, já começada a sua cultura n'aquela capitania.

O que por tradição consta é que esta planta nos veio ao Pará de Cayena.

E como em Cayena chegaram as primeiras sementes em 1719; e só quatro annos depois é que se poderiam conseguir novas sementes produzidas por aquellas, é claro que o Pará não as podia ter antes de 1723. E como por outro lado, se recomenda na

(10) BAENA, *compendio das crónicas da província do Pará*.

(11) ISEM. *Idem*.

carta regia a propagação do café, e se concedem doze annos de isenção de direitos aos seus lavradores, me parece que posso concluir que em 1732 já elle existia alli; sendo muito provavel ter ahí chegado entre os annos de 1723 e 1728.

Agora pode-se traçar o caminho que seguiu este vegetal desde o seu solo natal até o Brazil. Da Ethiopia passou em fins do seculo XV para a Arabia, d'ali para Batavia pouco depois de 1680, d'onde veiu para Surinam em 1690 pouco mais ou menos; d'aqui foi levado a Cayena em 1719, d'onde seguiu para o Brazil tempo depois de 1723.

Com isto, senhores, tenho satisfeito, conforme coube em minhas forças a obrigação que me foi imposta. Creio, porém, que se ha de desculpar a um filho do Rio de Janeiro, onde esta planta parece que melhor se deu, mais largamente se cultiva, e constitue um dos primeiros ramos da riqueza d'essa província, o gastar ainda alguns momentos com a historia da sua introdução ahí.

Menos pensadamente disse Balthasar da Silva Lisboa, nos seus *Annaes do Rio de Janeiro*, que « os capuchinhos franceses foram os primeiros que no Rio de Janeiro cultivaram o café que espontaneamente o encontraram produzido nas vizinhanças da cidadade . » (12)

Em um artigo impresso em 1813 no *Patriota*, primeiro periodico, que no Rio de Janeiro, senão em todo o Brazil, se publicou consagrado as letras, e as sciencias, diz o autor quo conserva o anonymo: « quando indaguei d'onde nos veio o café pude apenas colligir que no Pará nos veio por Cayena : e que o primeiro café fazendo que apareceu no Rio de Janeiro, o devemos a Hoppman, Hollander de nação, que se estabeleceu n'esta cidade : noticia que devo a amizade do nosso illustre botanico José Corrêa da Serra. »

Monsenhor Pizarro, em suas *Memorias do Rio de Janeiro*, para as quaes levou muitos annos em ajuntar documentos, e tradições, é mais circumstanciando a este respeito bem que ainda

não de todo satisfactorio, elle diz: « pouco a pouco se foi introduzindo a planta do café pelo Pard e Maranhão onde tem prosperado notavelmente, depois que o decreto de 4 de Maio de 1761 o isentou dos direitos nas conquistas portuguezas. Não existe muito aos annos de 1770 o principio d'essa cultura n'este país (Rio de Janeiro), devida ao zelo, e diligencias de João Alberto Castello Branco, chanceller que era na relação d'esta cidade, mandando vir do Maranhão ou do Pard, onde nascera, ou havia sido magistrado, as plantas primeiras que se dispuseram no cerca do hospicio dos padres Barbadinhos italianos, e n.º quinta de João Hoppman, além do arraial de Mata-porcos » (13).

Ayros do Casal na sua *Corographia brasiliaca* diz: « o cafezeiro naturalizado (no Rio de Janeiro) no tempo do conde de Bobadella, por diligencia d'um magistrado, tem-se multiplicado prodigiosamente e enriquecido muita gente. »

O falecido José Silvestre Rabello, homem instruido e trabalhador, em sua memoria sobre o café lida na sociedade Auxiliadora da Indústria nacional, diz: « O certo é que um hollandez por nome Hoppman que se achava estabelecido aqui na corte no tempo do vice-reinado do marquez de Lavradio plantou arvores de café. » (14)

O nosso saudoso e ilustrado consocio, o conego Jannario da Cunha Barbosa, em uma nota, que poiz à biographia do Bispo do Rio de Janeiro, Dom José Joaquim Justiniano, diz: « Também concorreu elle (o Bispo) para a propagação da cultura do café, recobrando sementes da hora dos barbadinhos italianos, e fazendo-as distribuir com muita recommendação pelos padres Coito, e João Lopes, aquelle no caminho de Resende, este no distrito de São Gonçalo. Estas sementes tiveram o progresso que hoje sabemos, pois que da fazenda do padre Coito se derramiram por todas as de serra acima, onde prosperou espantosamente. » (15)

(13) Tomo 7.^a

(14) *Auxiliador da industria nacional*, Vol. 2.^a

(15) *Revista trimensal do inst. hist.*, Vol. 4.^a (1842)

Eis a tradição passada de boca em boca com suas usuaes alterações; e d'ella o que, como mais provavel, se pode deduzir é o seguinte:

Para o Rio de Janeiro veiu a planta do café do Pará, ou do Maranhão por intervenção e cuidados do chanceller João Alberto Castello Branco, que exerceu as suas funções em tempo do governo do Conde de Bobadela, e por morte d'este, fez parte do governo interino por alguns meses.

E como Ayres do Casal, Cunha Barbosa asseveram que aquela planta chegou aqui, governando Gomes Freire d'Andrade, isso não pôde ser depois de 1762; (16) pois aquelle governador expiro em dia d'anno bono de 1763. Ja então eram decorridos cerca de trinta e cinco annos depois que o café começara a cultivar-se nas mencionadas duas províncias do Norte.

E ainda em 1768 se fallava tam pouco no Rio de Janeiro em cultivo de café, que o celebre viajante inglez Cook, que aqui esteve n'esse anno, referindo-se a Banks, botanico inglez que o acompanhava, escreve o seguinte: « *todas as produções das nossas ilhas da America prosperariam n'esta parte do Brazil, e no entanto os habitantes d'aqui tiram o seu café e chocolate de Lisboa.* »

A primeira plantação se fez na cerca do hospicio dos Barboneos, situado na actual rua do mesmo nome. Ainda em 1782 o co-nego Januario ali viu dous pés de café, dos primeiros que nasceram n'esta cidade.

Parece que se foram creando sem suscitar grande atenção, até a chegada do vice-rei, o Marquez de Lavradio, que foi em fins de 1789; isto é este, ou mais alguns, annos depois que as sementes tinham vindo. E é natural que fosse o interesse, que o vice-rei mostrou por essa planta, que movesse Hoppman a cultivá-la em sua chacra de Mata-porcos, e o Bispo na sua fazenda do Capão.

(16) O conde CUNHA BARBOSA, no seu discurso sobre algumas produções do Brasil (*Auxiliador da Industria Nacional* Tom. 3,º) diz que o Desembargador Castello Branco trouxe do Maranhão em 1752 as duas primeiras plantas, que ali aportaram de Cayena. No que julgo eu, ha mais de um engano.

Entretanto é um facto, para mim inexplicavel, que o Marquez de Lavradio, no relatorio com que passou o governo a seu successor, tam minucioso a respeito do canhamo, cochenilla, anil, e guaxima, nada diga sobre o café; e isto era em 1769.

Cresce-me ainda mais a admiração, que em documento semelhante com que Vasconcellos entregou o governo ao conde de Rezende, fallando-se da cultura do café em Santa Catharina, se calasse a do Rio de Janeiro; quando n'esse tempo (1790) já bastante se havia ella desenvolvido nas proximidades d'esta cidade; pois consta dos fragmentos d'un almanak do Rio de Janeiro, que existe manuscrito na bibliotheca publica, que no anno de 1792 entraram n'esta cidade, tanto de fóra, como de reconcavo, cento e sessenta arrobas de café (17).

Da fazenda do Capão sahiram plantas para a do padre João Lopes em São Gonçalo, da qual se propagou o café pelos logares circumvizinhos, e para a do Mendanha, em Campo Grande, onde, pelo que eu pude alcançar, essa cultura começou pouco antes de 1780.

Do sitio onde se fez a primeira plantação em Mendanha era proprietario, e pouco tempo depois o foi tambem da fazenda, o padre Antonio do Coito da Fonseca.

Foi meu padrinho de baptismo, e criou-me em sua casa até o dia de seu fallecimento, acontecido em 11 de Fevereiro de 1810, cidadão prestante, e digno de ser lembrado; mas não cabe aqui tudo o que a gratidão e o dever me ordenariam que dissesse a seu respeito: limitar-me-hel pois a memorar sómente de sua vida, aquillo que for concernente à materia, que me occupa. Lavrador intelligent exocogitava, experimentava, e adoptava os melhores méthodos e apparatus, que n'esses tempos aqui se podiam conhecer; de modo que os productos da sua laboura que foram, primeiro o anil, depois o café, e ultimamente o assucar, eram entre os melhores que appareciam no mercado. Não era só pechoso na grande cultura, seu pomar, sua horta, seu jardim en-

(17.) *Revista trimensal do instituto Vol. 4.^a (Aqui se acham ambos os Relatórios.)*

cerravam quanto então se conhecia de mais raro no Rio de Janeiro; e de algumas plantas foi elle o primeiro cultor, como ainda espero ter occasião de mostrar. Uma certa vivacidade de genio o tornava pouco estavel em seus propositos. Para o anil havia feito fabricas custosas, e que talvez não tivessem irmãs em todo o Brazil; adoptando porém a cultura do café, desprezou aquella inteiramente. N'esta se esmerava de igual modo, e por meio de machinas espremia o café, lavava, seccava, e o preparava até o ponto de beber-se; com a compra porem do engenho do Mendanha, substituiu as grandes plantações do café por canaviaes, deixando apenas quanto lhe desse para o gasto, e para presentear aos amigos.

Desses primitivos cafezaes ainda alguns alcancei: e vive ainda hoje uma preta, que contando mais de 90 annos, e conservando illeras lembranças da sua mocidade, refere que fazia parte dos escravos que se ocuparam no primeiro plantio de cafés que fez o padre Coito.

D'esta fazenda sahiram *mudas* para serracima, onde esta planta tam bellamente se tem naturalizado.

Do que se passou em San'Gonçalo quanto á propagação do café nada pude saber.

Sala do Instituto, 16 de Maio de 1856.

Francisco Freire Allemão.

CHA (*Thea*).

Na China e no Japão, o conhecimento e a cultura do arbusto do cha, bem como a preparação de suas folhas para uso allmen-tio, são factos, cuja origem parece perdida da memória de seus habitadores.

No imperio chinez encontra-se esta planta nascendo sem cultura; e d'ahi se deduz ser ella indigena d'esse paiz, d'onc passou para as ilhas do Japão.

Aqui, e tambem na China, em lingua mandarim seu nome é *tcha*, que os portuguezes adoptaram com pouca corrupção, e no dialecto vulgar da província de *Fu-kien* é *thé*, adoptado por outras nações (1).

De passagem lembreai que tambem n'este caso, como vimos a respeito do café, Linneu creando o nome generico *thea*, quer antes derivá-lo do grego *θεα* (Divindade) que das palavras barbaras *tjaa* dos Japões, ou *theh* dos Chins (2).

E um de seus discípulos, Tillé, sustentando uma these sobre o cha em 1765, sob a presidencia de Linneu, n'ella se explica, a este respeito, do seguinte modo: « *In inquirendo unde Thea nomen desumptum sit, multis non ero; utrum a TSJAA Japonensis, aut THEE chinensis, quod verisimilimum videtur, potius noster suum nomen derivat barbarum, vel quod Botanici denominationem hanc latinam a θεα Graecorum assumerint, eam obrem, quod fruticem hunc Majores in divino habuerint cultu, aliis relinquo inquirendum.* » (3)

Entre os Chins é uso antiquissimo, com o fim de tornarem mais sadias suas aguas fluviaes, fervorem-nas antes que se bebam. « *Riem-se de nós*, diz o padre Alexandre de Rhodes, quando lhes dizemos que nós (europeus) só bebemos a agua

(1) HOUSSAYE, *Monographia do Chá*.

(2) *Philosophia Botanica*.

(3) *Amenitates Academicæ*.

fresca ; e querem que isso nos seja occasião de muitas enfermidades. » (4)

Sem dúvida esta necessidade trouxe a invenção de juntar-se à agua fervida folhas de varias plantas, e com especialidade as do cha, para lhe assim melhorar o gosto e até convertê-la em bebida deliciosa pelo apuro a que levam todos os meios de preparação do seu cha.

A Europa ignorou a existencia e prestimo d'este vegetal até meado o seculo nono da era vulgar, em que alguns viajores árabes, que por terra entraram na China, deram d'ella relações, e descontinaram alguns segredos d'esse mysterioso imperio.

Mas o pouco que disseram sobre o cha, como sobre tudo o mais, ficou limitado aos que sabiam a lingua árabe, até que Renaudot traduziu em franez parte d'essas relações em 1718, quando ja então na Europa se tinha bastante conhecimento do cha (5).

O que porém se não explica facilmente é a nem uma menção que d'elle fazem outros viajantes, que muito depois d'aquelles discorreram pela China e Japão, e de que alias deixaram longas e miudas narrações.

O veneziano Marco Polo que tanto viu da China, da Tartaria e de outros logares do oriente, por onde andou desde 1271 até 1295, não fez memoria em seus escriptos do uso do cha entre os Chins, e Tartaros.

O portuguez Fernão Mendes Pinto, que peregrinou boa parte da China e alguma da Tartaria e do Japão entre os annos de 1540 e 1545, e que tam minucioso é ás vezes relatando o que observou nos campos e lavouras, na parca mosa do pobre, e em sumptuosos festins, nunca achou occasião, nem signor de nomear o cha.

Entretanto é bom recordar que ambos escreveram seus livros estando ja na Europa.

Depois que os portuguezes dobraram o cabo-da-Boa-Esperança e conduziram suas nauas até ás extremas do oriente, religiosos das ordens de San'Domingos, San'Francisco e santo Ignacio, acompanhando-os derramaram-se por essas terras ; e em quanto

(4) *Viajem á China.*

(5) *Journal des Savans* (1719).

levavam a luz do evangelho ao seio de nações idolatras, mandavam para a Europa, em seus scriptos, variada, e curiosa noticia de seus usos e costumes.

O primeiro que chegou ao Japão em 1549 foi o jesuita, Mestre Francisco Xavier, que foi depois canonizado; mas de quanto pude ler das cartas d'essa missão, a primeira em que ahevi noticia do cha nesse paiz, é uma assaz interessante do irmão Luiz de Almeida, scripta de Facundá em 1565. « É costume, diz elle, entre os Japões nobres, quando tem algum hospede, que seja pessoa de obrigação, por despedida, mostrarem-lhe suas peças ricas em signal de amor, as quaes são todos os petrechos com que bebem uma certa herva moida, que, a quem a costuma beber é gostosa, que se chama cha.» (6)

Antes porém d'este já o padre Fr. Gaspar da Cruz religioso dominicano, primeiro missionário que entrou no imperio da China em o anno de 1556, no estimável livro, que nos deixou, acerca d'aquele paiz, dizia: « Qualquer pessoa, ou pessoas que chegam a qualquer casa de homem limpo, tem por costume offerecerem-lhe em uma bandeja galante uma porcelana, ou tantas quantas são as pessoas com uma agua morna, a que chamam cha, e que é tam alavez vermelha, e mu medicinal, que elles costumam a beber, feita de um cozimento de hervas que amarga tam alavez: com isto agasalham commumente todo o genero de pessoas que tom algum respeito quer conhecidas quer não: e a mim m'a ofereceram muitas vezes.» (7)

Supponho que entre os modernos foi este o primeiro que tam explicitadamente tratou do cha.

Mas quem trouxe à Europa a primeira amostra d'essa produção chineza foram os hollandezes, sem que seja possível assinar com precisão o tempo em que isso foi. Felix Avellar Brotero, na sua *Descripción da Arcore do Cha*, diz: « Este genero começou a introduzir-se na Europa quasi no principio do seculo passado pela companhia hollandeza.»

(6) *Cartas dos Padres da Companhia*, escritas do Japão, e da China (1598).

(7) *Tratado da China*.

Ele escrevia em 1788. E como essa companhia foi estabelecida em 1602, não foi seguramente antes d'esse anno, e nem depois de 1653, porquanto o padre Alexandre de Rhodes, que voltou da China n'esse anno, diz: que então o cha começava a ser conhecido em França, por intermedio dos hollandezes, que, trazendo-o da China, onde lhes custava cāda libra 8 ou 10 soldos: o vendiam em Paris a 30 francos.

Quanto à planta viva do cha, Linneu foi quem primeiro conseguiu possuir-a e cultivá-la na Europa.

Isto depois de 29 annos de tentativas infructuosas, das quaes me parece apropositado dar aqui a historia, resumindo-a da these ja mencionada:

« *Per viginti annos in id incubuit (Linnaeus) ut Thee fruticem in Europam et Patriam imprimis transportandum curaret.* »

« *Vicies semina ejus terra commisit, sinetamen illo successu; quia omnia effeta, et ad germinationem fuerunt inepta...* »

« *Deinde Professorem Gmelinum rogavit ut cum agmine Moscitarum ad Chinam iter facientium ex transvehi studeret; hoc vero modo obtinere non poterunt...* »

« *Vicos tum a China cum navibus rediuntibus frutices comparari posse existimavit; in hoc vero jacturam fecit sua opinionis.* »

« *Unicum Thee fruticem, a China in Patriam redux D. Pastor Osbeck cis promontoriorum Capitis Bonae Spei traduxit, quem turbo nescio quis, subito ortus, de stega navis in mare dejectit.* »

« *Commerciorum Consiliarius Lagerström binas ad hortum upsalensem attulit fruticas, per duorum annorum spatum optime vigentes: flores vero tandem erumpentes astuciam prodiderunt Chinensium non Theam sed Camelliam fruticem esse, ostendendo...* »

« *Opera postea fautoris cuiusdam, unicus, summa cum diffilitate, frutez Gotoburgum venit; in mensa vero camarae navis anterioris, a nauticis ad urbem, diu desideratam, ruentibus, reser-
e pere impositus, nocte a muribus nauticis miserrime ita fuit lac-
eratum, ut emovereatur.* »

« *Honestissimo tandem et alacerrimo Navarchov Carolo Gustavo Ekeberg persuasor fuit D. Praeses, ut semina recentia, mox*

« ante nivis e China dicessum, in ampulla terrae committeret, quo
« itinere, postquam aequatorem transicerit navis, ante ad vectum
« Gothoburgi germinaret. Hoc ei ita successit, ut navi Gothoburgum
« appulsa, omnes exortae fuerint plantae, quarum dimidia pars
« Upsaliam mos missa, in itinere porti, alterum ipse huc attulit,
« anno millesimo septingentesimo sexagesimo tertio. »
« Due hirum (plantarum) ad huc late crescunt, atque hic
« sicut conspicidas.... nec in ullo horto botanico crevit (frutex
« Thee) antequam huc fuit allatus. »

Nesse mesmo anno de 1753 Linneu escrevia ao professor de sciencias naturaes de Coimbra o dr. Domingos Vandelli, dando-lhe parte d'este sucesso: « *Theam accepi e. China, diz elle, forte*
prima que nunquam fuit in ullo Europeo horto (8). »

Para a America creio que foram os Francozes os primeiros, que se lembraram e cuidaram de transplantar o cha. Mas nunca o conseguiram, illudidos pelos Chinezes, que lhes davam como de cha, sementes de camellia.

O padre Labat, que esteve uns dozo annos nas Antilhas, para onde foi em 1693, conta que os officiaes de um navio franez, vindo das Indias Orientaes, deram de presente ao sr. Roberto intendente da marinha em Breste, e que entao o ora nas ilhas, algumas sementes do arbusto do cha chinoz. Foram semeadas no jardim da intendencia; nasceram mto bem e deram muitas sementes, que podiam multiplicar, e fornecer cha para toda a Europa, diz elle. Diz ainda que o sr. de La Guarigou Savigny, loco-tonente do rei na Guadelupe tendo tambem recebido sementes, vindas directamente da China, e que se dizia serem do cha imperial, as fez plantar, e obteve lindos arbustos, carregados de folhas, etc. (9)

Nem-uma d'estas plantas porém eram de verdadeiro cha.

Segundo uma passagem d'uma memoria do professor Domingos Vandelli, que adianta citarei, os Ingleses emprehenderam o cultivo do cha na Carolina, mas não persistiram n'elle.

(8) *Cartas impressas com o Diccionario de termos technicos de sciencias naturaes.*

(9) *Nov. viag. das ilhas da America.*

Antes de me ocupar com a introdução do cha no Brazil, transcreverei uma passagem do manuscrito do padre João Daniel, que é a seguinte: « Ja hoje está tão introduzido (o cha) e entronizado, que também se toma por almoço de manhã, depois de jantar regalo, da tarde merenda, e à noite socaga. Descobriu-se n'elle um bom invento para ter bom gasto o açucar, e os seus lavradores bom lucro... quero aqui noticiar aos americanos o grande tesouro que tem no Amazonas, e mais America, e é que tem o cha ás carreadas ao pe de suas mesmas casas, nos campos, nas praças, nas ruas mesmo de suas cidades, e povoações na herva que chamam vassourinha... que já hoje muitos a conhecem, e usam depois que um noticioso lhes deu a conhecer pelos annos de 1750 ; e já muito antes o tinha revelado um chinês, que foi dar ao Pará etc. (10) »

Esta historia é analoga à que refere também o padre Labat de uma planta das Antilhas, que bem pode ser a mesma de que falia aqui o nosso jesuíta, e que segundo aquelle auctor era o verdadeiro cha da India.

João Daniel escrevia pouco depois de 1760; e o que elle nos diz serve para mostrar quanto já era então vulgar no Brazil o uso do cha, assim como o que consta dos fragmentos do almanak manuscrito do Rio de Janeiro, que já teve occasião de citar, e que é a seguinte: « Em 1790 entraram na alfândega d'esta cidade cento e cincuenta e tres caixas de cha : e, no anno de 1792, duzentas arrobas do mesmo genero.

Do que sei, quem primeiro teve a idéa de se transplantar para o Brazil o arbusto do cha foi ilustre professor Domingos Vandelli, já tantas vezes citado, que devia ser melhor conhecido no Brazil, e a cuja memória nós todos devemos ser gratos.

Em um trabalho apresentado a academia real das sciencias de Lisboa, e que se deu à luz em 1789, dizia elle: « assim seria de uma grande vantagem transplantar-se também o cha (para o Brazil) como já fizeram os Ingleses na Carolina. »

Também em uma these sustentada em Coimbra em 1776, por Luiz Antonio de Castro do Rio Furtado de Mendonça, e presi-

(10) *Thesouro descoberto do Grande Amazonas.*

dida por seu mestre o professor Domingos Vandelli, sa acha a seguinte passagem: «... quo omnis et alia quamplurima felices Luteitani possidemus, et quo deficiunt, ut Thea, Myristica, Caryocarphyllus facili negotio possent, in Brasilia coli.»

Mas nunca se deu um passo para isso, até que no anno de 1812 o benemerito chefe de divisão Luiz de Abreu fez vir directamente da China, uma quantidade de sementes, que felicissimamente vingaram e reproduziram. Quero que elle mesmo refira como isso se passou. «Pedi ao meu particular amigo Rafael Bottado d'Almeida, senador de Macau, me remettesse a semente do arbusto do cha: elle me mandou o anno proximo passado (1812) um grande numero d'ellas que distribui dando-as ao referido tenente general (Napion) e ao deputado de juncta de comércio José Caetano Gomes, e a varios particulares: e vi os dias passados (elle escrevia em 4 de Março de 1813) em casa do dr. Jacintho José da Silva Quintão, tres pequenos arbustos provenientes das ditas sementes, que promettem prosperar: ignoro si existem mais alguns em outra parte. (11)»

Em 1815 escrevia o *Correio Brasiliense* em Londres: «As gazetas inglesas tem publicado, que em consequencia dos planos propostos pelo conselheiro d'Estado Antonio de Araujo se introduzira a planta do cha no Brazil, onde prospera, e dá esperança de ser de tal proveito, que se escuse de pagar annualmente aos chinezes grandes sommas por esta mercadoria.»

Não sei o que ha de exacto n'este annuncio; mas a verdade é que aquella esperança ainda infelizmente se não realizou: e estou na convicção que jamais se ha de realizar, a não se dar uma atenção séria a este objecto, de tanta importância para nós, introduzindo o verdadeiro methodo chinez nas manipulações do nosso cha, que está muito longe do d'aquelle paiz.

Agosto de 1856.

Francisco Freire Allemão.

(11) *Patriota* (1813).

